



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da cerimônia de assinatura do Protocolo de Adesão da Venezuela como Membro-Pleno do Mercosul

Caracas-Venezuela, 04 de julho de 2006

Jornalista: Presidente, o presidente Nicanor Duarte fez declarações duras em (inaudível) ao Mercosul, falou até em uma eutanásia do Mercosul, deixar morrer, falou em egoísmo e hipocrisia por parte do Brasil...

Presidente: Veja, nós temos um problema no Mercosul que, de vez em quando, os países menores culpam os países maiores pelos seus problemas. Esse é um problema que somente o tempo vai tratar de consertar. É normal, em época de eleição, eu tenho acompanhado a imprensa de vários países, e tenho visto o acirramento. Ora se joga a culpa em cima da Argentina, ora se joga a culpa em cima do Brasil.

O dado concreto é que o Mercosul é um sinal extremamente importante, com a entrada da Venezuela, de que nós estamos fazendo mais do que um acordo econômico, mais do que um acordo comercial. Nós estamos fazendo um ato histórico de integração do Continente, e temos que viver com os problemas, as assimetrias dentro dos países. Nós temos países mais pobres, nós temos países menos industrializados, e sempre há problemas e divergências que nós vamos ter que ir contemporizando. Imagine você o que foi a França fazer a união da Europa com a Itália, ou melhor, com a Alemanha, depois da Segunda Guerra Mundial, depois de tudo o que aconteceu. Levou muitos anos para consolidar.

Nós, os países maiores, temos clareza de que é preciso ajudar mais os países menores. Nós temos clareza disso. Por exemplo, no caso do Brasil, nós criamos um fundo para ajudar no desenvolvimento dos países menores, que



está no Congresso Nacional. Nós esperamos que em algum momento ele seja aprovado, porque é preciso ajudar. O Brasil, a Argentina, nós vamos ter muito mais tranquilidade e ver o Mercosul crescer muito mais quando nós pudermos ajudar mais o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia.

Jornalista: E o papel da Venezuela?

Presidente: Olha, a Venezuela joga um papel importante. A Venezuela é um país de quase 30 milhões de habitantes, é um país que está em um processo de desenvolvimento muito bom, é um país que faz uma ligação do Caribe com a Patagônia. Nós, brasileiros, consideramos muito importante a entrada da Venezuela, e pode ser um sinal importante para que outros países entrem no Mercosul.

Jornalista: Presidente, a atuação da Venezuela (inaudível) é muito parecida com a do Brasil (inaudível)

Presidente: Nós não podemos achar que o problema de um país, sozinho, na sua relação com outros, possa causar problema ao bloco. Veja a Inglaterra, por exemplo, foi parceira dos Estados Unidos na guerra do Iraque, contra a Alemanha e a França, e nem por isso teve qualquer problema na questão da União Européia. O que nós achamos é que os países maiores têm que ter, sobretudo, a sabedoria de conviver com os pleitos e com as reivindicações dos países mais pobres.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, não existe posição de conflito. Existe posição de divergência. Até agora eu não vi nenhum conflito, eu vi uma guerra verbal entre



os dois países, mas a Venezuela não deixou de vender nenhum litro de petróleo para os Estados Unidos, e os Estados Unidos não deixaram de comprar um litro da Venezuela. As divergências que existem, históricas, entre os países, são problemas dos países. O que nós queremos é criar um clima de harmonia no Mercosul, um clima de paz, porque todos nós aqui, na América do Sul, na América Latina, já vivemos a experiência da falta de democracia. Então, para nós, a concretização do Mercosul é a concretização da democracia nos nossos países, da convivência democrática na adversidade. Ninguém vai importar ideologia ou vai vender ideologia, nós vamos trocar experiências científicas, tecnológicas, vamos vender produtos, é isso o que interessa para nós, o crescimento do nosso país.

Jornalista: ... (inaudível) uma caixa de ressonância maior para ele. Ele não pode usar isso politicamente?

Presidente: Não, veja, eu acho que é importante a gente ter clareza do seguinte: a Venezuela entra no Mercosul com 30 milhões de habitantes, como o maior país produtor de petróleo do nosso Continente, América do Sul e, portanto, é um parceiro extraordinário. Eu acho que todos nós temos clareza do que estamos fazendo. E nós queremos que entrem outros países. O nosso desejo é que outros países entrem no Mercosul e que ele seja cada vez mais forte.

As pessoas vão ter que aprender que o Mercosul só será um bloco efetivamente sólido quando as nossas economias forem sólidas, quando a democracia for sólida. Enquanto predominar metade dos países vivendo em miséria absoluta, nós não vamos a lugar nenhum, nós vamos tentar ficar procurando o culpado pela nossa pobreza.

Eu digo sempre o seguinte: nós temos que olhar para o Mercosul como uma das grandes possibilidades que os países que o compõem têm de fazer



acordos comerciais mais fortes com o mundo desenvolvido, de trazer mais conhecimento científico e tecnológico para o nosso Continente. E daí é que aumenta a responsabilidade de Brasil e Argentina. Como os dois maiores países da região, nós temos a obrigação de ajudar os países mais pobres a se desenvolverem.

Jornalista: O Brasil vai aceitar essa proposta do Paraguai de renegociar a dívida do Paraguai por um bônus comprado pela Venezuela, Presidente?

Presidente: Gente, primeiro não existe essa proposta. Até agora, ninguém recebeu isso. Segundo, os títulos são do Tesouro Nacional e da Eletrobrás, portanto, é o Brasil que tem que cuidar dos seus títulos.

Se um país tem problema, se o Paraguai tem problema no seu desenvolvimento, nós temos que ajudá-lo. Agora, o que nós temos clareza é que nós não iremos encontrar a solução para o Mercosul se cada um de nós ficar jogando os nossos problemas nas costas dos outros. Os nossos problemas são nossos, e nós temos que tratar de resolvê-los. Essa é a questão. E vamos resolvê-los quanto mais democraticamente agirmos, vamos resolvê-los quanto mais paciência tivermos, e vamos resolvê-los quanto mais maduros formos na nossa relação política. E isso só será possível com um grau de confiança muito grande, isso só será possível com políticas consistentes para a integração do nosso Continente.

Fora disso, meu caro, cada um de nós pode fazer o discurso que quiser e nós continuaremos pobres e miseráveis no nosso Continente. Como eu acredito que nós temos que crescer economicamente, que nós temos que crescer, do ponto de vista do conhecimento científico e tecnológico, como nós temos que investir mais na educação, eu acredito que isso é que vai dar a base para que o Mercosul um dia se transforme num grande bloco político, econômico e social.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Essas duas coisas estão intimamente ligadas. Você não terá o Mercosul social se o Mercosul não for economicamente forte, comercialmente forte. Você faz justiça social com base no crescimento econômico do país, com base na política de distribuição de renda. Você não faz justiça social com miséria, você não faz justiça social com decréscimo da economia, você não faz justiça social se não houver um aumento nas exportações de cada país, se não houver um incremento no crescimento da indústria de cada país.

E nós temos que ter clareza que nós precisamos trabalhar muito fortemente para que as economias dos países que compõem o Mercosul cresçam cada vez mais, para que possamos ter mais coisas para distribuir para o nosso povo.

Jornalista: O senhor vai falar com o Evo? Ele disse que quer falar com o senhor.

Presidente: Não, eu vou falar com o Evo tantas vezes quantas forem necessárias. Eu não vim aqui para tratar de gás, eu vim aqui para tratar da entrada da Venezuela no Mercosul. Foi para isso que eu vim aqui. O Celso Amorim já esteve na Bolívia recentemente, tem uma equipe técnica visitando a Bolívia, agora, para ver que tipo de coisa nós podemos fazer, já no dia 6 estará lá, financiamento de algumas coisas que o Brasil pode vender para a Bolívia. E é assim que a gente vai tentar encontrar soluções para as nossas divergências.

Jornalista: Mas é que o presidente Evo Morales disse que gostaria de conversar com o senhor.



Presidente: Veja, cada Presidente da República que é anfitrião, ele convoca, eu já convidei alguns para ir ao Brasil, em reuniões da Comunidade Sul-Americana. Obviamente, se o Evo Morales quisesse conversar comigo sobre o gás, ele não teria dito que viria aqui só para isso, ele viria aqui para conversar sobre outros assuntos, porque na hora em que ele quiser conversar sobre o gás, eu tenho o ministro de Minas e Energia, que acaba de ir à Bolívia, eu tenho o presidente da Petrobras, que acaba de ir à Bolívia. E na hora em que o Evo Morales sentir necessidade, nós faremos tantas reuniões quantas forem necessárias.

Jornalista: Ele disse que precisava disso para uma abertura do diálogo, ele declarou isso recentemente, em Buenos Aires.

Presidente: Veja, o diálogo existe. Eu estou dizendo para vocês que o Celso Amorim acaba de ir lá, fazer uma grande reunião, na Bolívia. O Celso foi com um técnico do BNDES, com um técnico do Ministério da Indústria e Comércio, agora vai uma outra equipe técnica.

As coisas estão acontecendo, e quando você trata de discutir acordo econômico, acordo político ou acordo comercial, não prevalece a vontade de um, é preciso que encontremos um denominador comum. E é isso que nós estamos fazendo, sem pressa, sem preocupação com as datas eleitorais dos nossos países. Nós temos que encontrar soluções, porque nós estamos fazendo política de Estado, não política de partido.

Jornalista: Agora, o que o Brasil vai fazer para prometer menos e entregar mais? Tem muita gente que diz que o Brasil tem prometido bastante aos vizinhos, mas na hora do recurso, tem uma série de dificuldades técnicas no BNDES, no Banco do Brasil, enquanto que, por exemplo, o governo do Hugo Chávez tem disponibilizado recursos. O que o Brasil pode fazer para,



realmente, cumprir essas promessas?

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa. Primeiro, o Brasil não promete. O Brasil fala as coisas que pode fazer, embasado nas legalidades existentes no nosso país. Ou seja, quando o BNDES faz um empréstimo a um país, o BNDES precisa de garantias. Afinal de contas, o dinheiro não é do presidente do BNDES, o dinheiro não é do presidente da República, ele é do Estado brasileiro e, portanto, nós temos que ter garantias. E isso sempre tem dificuldades, porque muitas vezes os países não têm como dar essa garantia.

Para alguns países, nós temos feito acordos especiais, como no caso da Transoceânica, com o Peru, em que nós fizemos propostas especiais, como temos feito outras propostas de financiamento de máquinas agrícolas, de implantação de usinas de álcool em outros países, nós temos feito acordos especiais.

Agora, nós temos limites de legalidade que nós temos que cumprir. O dinheiro do Brasil não é meu, então eu não posso sair aí oferecendo dinheiro para qualquer pessoa. Eu tenho que fazer aquilo que a democracia permite que a gente faça. Nós temos interesse de fazer. Não faz muito tempo, nós decidimos que a Eletrobrás iria repassar 21 milhões para o Paraguai, pela própria Eletrobrás, por conta de um ajuste na tarifa elétrica. Nós temos um Fundo que está no Congresso Nacional, aliás, são dois Fundos, um Fundo que nós fizemos para o Paraguai, que está no Congresso Nacional, um outro Fundo que é para o Mercosul, que está no Congresso Nacional.

E, meu caro, se todas as dificuldades do mundo forem esperar que o processo democrático decida, nós vamos esperar, não tem outro jeito para que a gente faça as coisas. Até porque tudo o que estamos fazendo só dará certo se nós tivermos consolidado, cada vez mais fortemente, a democracia, nos nossos países.

(...)



Jornalista: O seu palpite para a Copa?

Presidente: Eu, ultimamente, ando sem palpite para a Copa porque, possivelmente, por ser muito apegado ao futebol, eu estou muito frustrado com o que aconteceu no sábado. Mas, agora, eu confesso que sou Portugal desde 1500.